


Repertório

A escolha do repertório das canções é um dos primeiros e mais importantes passos da gravação de um disco. É nessa fase que o trabalho começa a ganhar rosto e personalidade. Assim como a escolha do elenco de atletas é essencial para o bom desempenho de um time de futebol durante o campeonato, a triagem cuidadosa do repertório musical pode representar o começo de um disco benfeito e bem produzido. Seja no ambiente das grandes gravadoras, ou no mercado da música independente, esse processo inicial pode também ser um dos mais demorados e trabalhosos; e, por envolver tremenda subjetividade de opiniões e gostos, certamente é um dos mais complicados de alcançar consenso. Nos casos de artistas que não compõem ou compõem parcialmente para a obra, produtores, executivos de gravadora e até eles próprios saem em busca de boas canções para completar o álbum. No caso de autores-intérpretes, o trabalho maior está em tentar criar um repertório bom para ser gravado. De qualquer forma, é um processo que demanda considerável tempo, cuidado e dedicação. Afinal, é na madrugada que o dia vira e começa a contar a sua história...





Samba da Doca

Jair Oliveira/Seu Jorge

*Sentado na sala jogando conversa
No céu as estrelas passeiam sem pressa
Eu tenho o prazer de uma bebida tomar*

*Lá fora tá frio
Aqui dentro tá quente
Da janela eu vejo passar tanta gente
Hoje é sexta-feira, dia de namorar*

*Então é assim,
As horas trabalham e a gente esquece
O fim de semana vem como uma prece
A gente se entrega a fim de rezar
Na segunda-feira não tenho trabalho,
pois é minha folga
Aí no domingo a gente se empolga
E cai na gandaia sem se preocupar*

*No samba da Doca
No samba, no samba
No samba da Doca*

Este samba foi composto com o querido amigo e parceiro Seu Jorge. Em fevereiro de 2007, viajei para Londres a trabalho enquanto, no mesmo período, Seu Jorge rodava as cenas do filme *The escapist* em Dublin, na Irlanda. Minha mulher, Tânia Khalill, estava grávida de quatro meses de Isabela e me acompanhava com sua linda barriga que não parava de crescer. Decidimos “esticar” um pouco a viagem e passamos dois dias na capital irlandesa, gentilmente acolhidos no apartamento que a produção do filme havia disponibilizado para nosso amigo. Nos intervalos das filmagens, passávamos o tempo trocando papo furado, cozinhando ou improvisando ideias musicais na sala do “apê”.

Era uma sexta-feira. Observando pela janela que beirava a rua da noite fria e agitada de Dublin, comecei a tocar uma harmonia de samba tradicional ao violão e Seu Jorge foi automaticamente criando frases para uma nova canção. Em menos de meia hora já havíamos criado letra e melodia para “Samba da Doca”. Foi Seu Jorge quem sugeriu a singela homenagem à Tia Doca da Portela, falecida no início de 2009 e fundadora de uma das mais famosas e animadas rodas de samba no bairro de Madureira, no Rio de Janeiro. Curiosidade: uma das primeiras pessoas a ouvir nosso “Samba da Doca” foi o ator inglês Joseph Fiennes (protagonista de *Shakespeare apaixonado*), que, mais à noite, a convite do parceiro de cena, foi tomar uma “birita” conosco e se divertiu bastante com a composição que acabara de sair do forno.

Pense em algumas de suas canções favoritas. Já tentou imaginar como elas nasceram? Em quais circunstâncias, em que ambiente e sob quais inspirações surgiram? Eu costumo fazer isso frequentemente. Talvez pelo fato de também compor, fico a imaginar em que estado psicológico e em que paisagens outros compositores se encontravam ao escrever suas músicas. Assim, quando ouço uma canção que me agrada, logo tento me transportar para a mente de seu autor na tentativa de banhar-me um pouco na criatividade alheia.

Por não possuir um método de composição claramente definido, creio que esse banho de importantes referências musicais é o início de todo meu processo criativo. Pois, ao se “embebedar” com as coisas mais fortes e belas de mestres da música como Tom Jobim, Djavan, João Bosco, Jair Rodrigues, Noel Rosa, Elis Regina, Pixinguinha, Nelson Cavaquinho, João Gilberto, Chiquinha Gonzaga, Chico Buarque, Eumir Deodato, Edu Lobo, Paulinho da Viola, Adoniran Barbosa, Hermeto Pascoal, Jorge Benjor, Moacir Santos, César C. Mariano, Tom Zé, Astor Piazzolla, Wes Montgomery, Ella Fitzgerald, John Coltrane, Miles Davis, Oscar Peterson, Stevie Wonder, Michael Jackson e tantos outros de uma lista sem-fim, a inspiração



certamente se torna mais disponível para uma madrugada de tórrido romance com um mero mortal como eu.

Some-se a isso todas as outras maravilhas que transbordam do cinema, das artes plásticas, da literatura, do teatro, do charme da mulher brasileira, do avesso do avesso de minha insone cidade ou dos iluminados sorrisos de minha filha e de minha querida esposa. Tudo isso certamente está presente no começo de minha busca por palavras, acordes e melodias cada vez que tento compor uma canção. Mas, diante da ausência de um processo lógico e cartesiano, realmente não sei explicar ou demonstrar com exatidão a maneira como componho. Talvez nenhum compositor saiba... Só sei que, depois de reunir as inúmeras influências na cabeça, o segundo passo é juntar-me ao meu aliado e fiel escudeiro violão. Vou então testando harmonias e ritmos até encontrar um caminho que me convença de que vale mesmo a pena persegui-lo.

Costumo fazer letra e melodia quase simultaneamente. Muitas vezes começo por tocar progressões de acordes ao violão (outras raras vezes ao piano); e então notas e palavras vão se agarrando aos braços da harmonia para, assim, criar o esboço da canção. Não